

---

## **Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti**

### **Controversies regarding food aid for development: the Haitian protest against the US support for Haiti's school lunch program**

Thiago Lima

Docente no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI/UFPB. Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-INEU). Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Fome e Relações Internacionais da UFPB (FomeRI).

E-mail: [thiagolima3@gmail.com](mailto:thiagolima3@gmail.com)

Erbenia Lourenço

Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI/UFPB. Bolsista de mestrado do INCT-INEU. Pesquisadora do FomeRI.

E-mail: [erbenia47@gmail.com](mailto:erbenia47@gmail.com)

**Resumo:** Embora a ajuda alimentar internacional possa ser crucial para assistência humanitária e muito importante para projetos de desenvolvimento, há casos em que seu efeito é contraproducente. Este artigo explora condições nas quais a doação de alimentos pode ser inconveniente a partir da controversa tentativa de ajuda alimentar dos Estados Unidos ao Haiti em 2016. Argumentamos que interesses econômicos do doador, mais do que motivações humanitárias ou de desenvolvimento, podem ser o impulso fundamental deste tipo de cooperação internacional.

**Palavras-chave:** Ajuda alimentar; Cooperação Internacional para o Desenvolvimento; Ajuda humanitária; Estados Unidos; Haiti.

**Abstract:** Although international food aid can be crucial for humanitarian assistance and significant for development projects, in some cases its effects are counterproductive. This article explores the conditions under which food donation may be disadvantageous, based on the controversial US food aid attempt to Haiti in 2016. We argue that the motive for this kind of international cooperation might lay much more on the donor's economic interests than on those of a humanitarian or development nature.

**Keywords:** Food aid; International Cooperation for Development; Humanitarian assistance; United States; Haiti.

## **1. Introdução**

Poucas coisas podem soar mais humanas do que enviar ajuda alimentar a populações que atravessam grandes flagelos sociais, econômicos ou climáticos. Contudo, nem sempre a ajuda alimentar é de fato cooperação humanitária ou para o desenvolvimento. Há casos em que a doação de comida pode, na verdade, golpear a recuperação econômica de uma sociedade já em frangalhos. Por quê? Este artigo busca elaborar brevemente esse ponto e exemplificá-lo com a recente e controversa tentativa de ajuda alimentar dos Estados Unidos ao Haiti. Washington anunciou, em 2016, uma ação de cooperação internacional para o desenvolvimento, coordenada com o Programa Mundial de Alimentos (PMA) da ONU e o Ministério da Agricultura do Haiti, para o envio de um suprimento de alimentos à base de amendoim para a merenda escolar de crianças haitianas. Entretanto, um grupo formado por produtores haitianos, ONG nacionais e estrangeiras, empresas da mídia internacional e até deputados e senadores dos EUA se uniram para solicitar o não envio daquele carregamento. O que motivou a repulsa desse grupo? E porque Washington decidiu mandar ajuda naquele momento para o Haiti?

Buscamos contribuir para o entendimento dessas questões em 5 seções, contando com esta introdução. A segunda seção aborda brevemente o surgimento da ajuda alimentar internacional, seu vínculo com interesses econômicos e a sua inconveniência em determinados casos. Com isso - é importante frisar - não temos a intenção de condenar toda e qualquer ajuda alimentar internacional. É claro que em muitos casos somente este tipo de cooperação humanitária é capaz de salvar vidas, sobretudo nos mais desesperadores (Ziegler, 2013; Clapp, 2012). Justamente por isso, conhecer as inconveniências da doação de alimentos em certas circunstâncias pode auxiliar a formatação de políticas públicas nacionais e de cooperação internacional mais eficazes e com efeitos multiplicadores mais positivos. A terceira seção aborda o caso específico entre Estados Unidos e Haiti envolvendo o amendoim. Nela, demonstraremos que a controvérsia em torno deste modelo de ajuda

também ocorre dentro da burocracia e do legislativo dos EUA. A quarta seção explica a atitude de Washington como um desdobramento da política de subsídios agrícolas que resulta em superprodução nos EUA. Encerramos o texto apresentando considerações finais.

## **2. A ajuda alimentar internacional e os interesses econômicos**

O fornecimento internacional de grandes quantidades de ajuda alimentar é algo relativamente novo na História. Volumes maiores passam a ser movimentados no século XX, sobretudo no contexto da Segunda Guerra Mundial. No campo capitalista, sem dúvida alguma, o principal fornecedor foi os Estados Unidos, seguidos de Canadá, Austrália, países europeus ocidentais e, posteriormente, a União Europeia (Clapp, 2012; Ruttan, 1993).

O envio de ajuda alimentar a uma população estrangeira pode parecer, a princípio, um gesto altruísta de cooperação. De fato, a doação de alimentos é a única esperança para muitas populações que atravessam catástrofes inesperadas ou crises prolongadas de diversos tipos mundo afora. Contudo, nem sempre é assim. Parte importante da comida doada por países a populações estrangeiras decorre em grande medida de cálculos econômicos, diplomáticos e geopolíticos. Não é que as motivações humanitárias estejam completamente ausentes. É que nem sempre as burocracias e os políticos com interesses genuinamente humanitários conseguem prevalecer. Em outros casos, a inexperiência ou a ignorância de bons samaritanos podem transformar ajuda humanitária em agravante de problemas, ao invés de levar solução. Ajuda alimentar internacional, com fins humanitários ou de desenvolvimento, é coisa para profissionais. Se bem executada, pode salvar milhões de vidas (Clay e Stokke, 2000; Ver Barrett e Maxwell, 2005).

A análise da ajuda fornecida pelos Estados Unidos será o nosso foco aqui. Por ser o maior doador mundial de alimentos desde os anos 1940, conhecer o caso norte-americano é importante, seja pelo seu volume intrínseco, seja pelas lições que sua experiência ímpar possam inspirar. O volume da ajuda alimentar internacional dos Estados Unidos após a II

Guerra Mundial é uma novidade histórica, um traço *sui generis* do regime alimentar internacional iniciado sob hegemonia (McMichael, 2017). Foi a primeira vez que um país alcançou uma capacidade de excedente alimentar e uma capacidade logística tão grande a ponto de elaborar uma política pública de ajuda alimentar com alcance global. Não convém, neste artigo, revisar detalhadamente os fundamentos e a trajetória desta política norte-americana. São muitos os estudos já clássicos disponíveis (Friedmann, 1982; Portillo, 1987; Clapp, 2012) e fizemos nossa revisão e contribuição para esse tema em outros lugares (Lima, 2014; Lima, Lourenço e Lucena, 2016; Lima e Dias, 2016). O que pretendemos destacar aqui é mais um caso recente em que a tradicional e criticada dinâmica estadunidense - composta por subsídios agrícolas, geração crônica de excedentes alimentares não comercializáveis e doação de alimentos como forma de limpar estoques nacionais - se apresenta.

Vejamos brevemente como isso funciona. A agricultura norte-americana é uma das mais produtivas do mundo. Condições geográficas favoráveis, aliadas a uma enorme disponibilidade de capital e à disposição de empregar inovações tecnológicas na produção de commodities agrícolas resultaram num problema crônico que Cochrane (2003) denominou de “a maldição da abundância”. Essa maldição tem, em uma de suas faces, a necessidade premente de enviar para fora do território nacional uma quantidade cada vez maior de commodities agrícolas. Como o mercado nacional não consegue consumi-las, é preciso vendê-las para estrangeiros. Contudo, é comum que os estrangeiros não comprem toda a oferta estadunidense por vários motivos. Por exemplo, os estrangeiros podem produzir suas próprias commodities; podem comprar de concorrentes; ou podem simplesmente não ter interesse ou dinheiro.

Esses são desafios que Washington precisa superar, isto é, o governo precisa encontrar uma maneira de levar o excesso doméstico para o exterior. Do contrário, os estoques nacionais ficarão cheios e os preços cairão demasiadamente. Neste cenário, os produtores agrícolas não conseguirão ter renda suficiente para pagar seus empréstimos e

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

nem para fazer uma nova rodada de investimentos, a não ser que recebam subsídios agrícolas. Com preços muito baixos e sem subsídios suficientes, a economia rural entra em crise e isso reverbera para outros setores da economia. As crises econômicas agrícolas das décadas de 1920, 1930 e 1980 têm importantes fundamentos nessa dinâmica (Gardner, 2006). Adicionalmente, o governo opera muitos desses estoques, o que gera custos logísticos tão maiores quanto a oferta alimentar não consumida.

É por isso que a ajuda alimentar dos Estados Unidos, após a II Guerra, era primordialmente uma política econômica, e não humanitária<sup>1</sup> (Friedmann, 1982; Clapp, 2012). Após a conflagração mundial, o principal mercado consumidor do mundo - o europeu - não só não tinha poder de compra, como também buscou desenvolver sua própria capacidade agrícola. Para isso, aplicou o protecionismo agrícola, cujo principal expoente é a Política Agrícola Comum. Como uma parte significativa do planeta estava sob domínio da União Soviética, restavam os países periféricos e aqueles que se descolonizavam (McMichael, 2017).

Países periféricos apresentam, em geral, dificuldades de equilíbrio na balança de pagamentos que podem limitar até sua capacidade de adquirir alimentos básicos no exterior. Não era diferente na esteira do pós- II Guerra e, naquele contexto, elites e governos aceitaram de bom grado a ajuda alimentar norte-americana. Quando ela não servia efetivamente aos famintos, ela diminuía a pressão sobre seus balanços de pagamentos. É que, como resultado das estruturas econômicas impostas pelo colonialismo e pelo imperialismo, aqueles países não conseguiam produzir o suficiente para seu abastecimento alimentar e, por isso, precisavam importar alimentos básicos, o que exigia dólares. Com as doações de alimentos, os governos poderiam utilizar seus parcos dólares de outras maneiras:

---

1 A ajuda alimentar internacional dos EUA passa a ser sistemática a partir de 1954, com o Agricultural Trade Development and Assistance Act, no governo Eisenhower. Sua principal motivação não era humanitária, mas sim a necessidade de escoar a superprodução de grãos. Com o passar do tempo, a ajuda assume características genuinamente humanitárias e de desenvolvimento, mas sem deixar de ter conexão com o problema crônico de excesso de oferta doméstica e com interesses de outros grupos econômicos. Para detalhes dessa trajetória inicial ver, entre outros, Burbach e Flynn (1980) e Portillo (1987).

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

comprar armas, financiar projetos de industrialização, custear bens de luxo, pagar dívidas etc, ou simplesmente observar a diminuição da inflação alimentar (McMichael, 2017).

Entretanto, economistas e profissionais da assistência humanitária começaram a identificar, nos anos 1970, que em alguns casos a comida vinda na forma de doação era prejudicial para a economia do país e, o que é mais delicado, para regiões de economia bastante vulnerável. O caso é simples: se há comida gratuita ou a preços mais baixos que os de mercado, porque as pessoas irão comprar comida? E se não há demanda, porque as pessoas iriam investir na produção agrícola? Como nos países periféricos a maior parte da população é rural e, em geral, os mais pobres estão justamente no meio rural, a ajuda alimentar estrangeira poderia ser um duro golpe na possibilidade daquela população obter renda através de sua pequena produção. Uma consequência nefasta seria, então, a desarticulação econômica de segmentos nacionais. Não é que esse seja sempre o caso, mas a doação mal planejada ou deliberadamente mal intencionada pode levar a essas consequências negativas. Se bem planejada, a ajuda alimentar pode levar a efeitos benéficos nutricionais e econômicos (Clay e Stokke, 2000; Barrett e Maxwell, 2005).

Essa constatação foi levada aos foros internacionais e foi inscrita em acordos e convenções. Desde um ponto de vista humanitário e do desenvolvimento econômico, era preciso evitar que a ajuda alimentar se transformasse em transtorno. Clapp (2012) argumenta que os debates evoluíram para políticas de ajuda mais alinhadas com as questões humanitárias a partir dos anos 1970. Contribuiu para isso a maturação dos profissionais e das burocracias especializadas, bem como o surgimento de políticos e *constituencies* nos países desenvolvidos interessados no tema (Lancaster, 2007). Resultados importantes teriam sido vistos nas modificações das políticas de ajuda da UE, Austrália e Canadá que, ao invés de enviarem alimentos desde seus territórios nacionais, passaram a comprá-los em regiões próximas às populações-alvo, de modo que a demanda pudesse aquecer a economia. É claro que isso precisa ser feito com o devido planejamento pois, do contrário, o efeito pode ser inflacionário. Contudo, especialistas no tema apontam que a ajuda desvinculada, isto é,

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

aquela que não parte necessariamente do território e estoque nacionais do doador, tende a ser mais eficiente. Uma grande dificuldade para o sistema de ajuda humanitária internacional é convencer os governos a dedicarem uma parte estável de seus orçamentos para essas operações, inclusive porque o efeito midiático das sacas de alimentos com bandeiras nacionais estampadas é muito maior (Barrett e Maxwell, 2005; Clay e Riley, 2005; Clapp, 2012).

Os Estados Unidos, porém, aderiram apenas residualmente a essas reformas. O republicano George W. Bush e o democrata Barack Obama tentaram modificar a política estadunidense, mas tiveram sucesso limitado por conta da resistência de grupos de interesse no Congresso (Diven 2006). Algumas mudanças relevantes foram feitas nas farm bills de 2008 e 2014, mas não temos condições de desenvolvê-las aqui (Ver Clapp, 2014; Lima e Dias, 2016). O fato é que a maior parte da ajuda de Washington continua sendo derivada dos seus excedentes nacionais. À primeira vista, parece ser natural doar alimentos que não serão consumidos ou vendidos, seja para fins emergenciais, seja para apoiar projetos de desenvolvimento de longo-prazo, como pareceu ser o caso da tentativa de apoiar a merenda escolar haitiana. Contudo, além do efeito econômico deletério que isso pode causar, conforme apontamos acima, essa prática tem outros pontos negativos (Barrett e Maxwell, 2005; Clay e Riley, 2005). Vejamos alguns deles: a) tempestividade. Os alimentos podem chegar mais rápido ao seu destino se comprados em mercados próximos à população-alvo do que se precisarem cruzar oceanos em navios. A demora na entrega - eventualmente meses - pode fazer com que os alimentos cheguem quando não sejam mais necessários. b) desperdício. Por conta da demora, alimentos podem estragar. c) adequação cultural (dieta). Alimentos de mercados próximos podem ser mais adequados aos costumes e necessidades nutricionais das populações necessitadas do que os enviados de milhares de quilômetros de distância. d) custo. O gasto com o frete de longa-distância pode ser economizado e convertido em dinheiro para comprar mais alimentos. e) instabilidade. Se a ajuda deriva dos excedentes nacionais, o país terá menos condições de contribuir quando estes não existirem. Isso é um grave problema para os planejadores ajuda humanitária, pois os volumes são

instáveis. Em casos de forte alta nos preços dos alimentos, por exemplo, dificilmente serão encontrados excedentes para doação justamente quando os mais miseráveis mais necessitarão deles.

Por esse e outros motivos os Estados Unidos - e todos os países que operam a chamada ajuda vinculada, isto é, aquela que deriva de estoques nacionais ou que é comprada nos mercados nacionais dos doadores para beneficiar interesses domésticos<sup>2</sup> - são criticados por especialistas em questões humanitárias e de cooperação para o desenvolvimento econômico. É uma política pública que tende a ser menos eficiente do ponto de vista humanitário, além de ser um pilar de sustentação do protecionismo agrícola estadunidense, como veremos na seção 4.

### **3. Os Estados Unidos, o Haiti e o amendoim**

Não obstante toda a crítica doméstica e internacional à forma da sua tradicional política pública de ajuda alimentar internacional, os EUA continuam a praticá-la. De fato, mesmo os funcionários da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID, em inglês), que opera a referida política com o Departamento de Agricultura (USDA, em inglês), reconhecem suas deficiências e anacronia (Lima e Dias, 2016). No entanto, dinâmicas econômico-políticas que conectam grupos de interesse a parlamentares impedem a sua reforma e continuam produzindo casos como o que gerou o constrangedor episódio, no qual haitianos, estadunidenses e outros estrangeiros pediram abertamente para que Washington não enviasse ajuda alimentar ao país caribenho.

Em 31 de março de 2016, o USDA anunciou que enviaria 500 toneladas métricas de amendoim estadunidense para alimentar cerca de 140.000 crianças em estado de desnutrição

---

2 Para definições da OCDE sobre Ajuda Vinculada e Desvinculada, ver a página *Untied aid*, em <http://www.oecd.org/dac/financing-sustainable-development/development-finance-standards/untied-aid.htm>, acesso em 19/06/2018.

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

nas escolas do Haiti. A ajuda iria servir como lanche matinal ao longo de um ano para crianças que supostamente sofriam de insegurança alimentar. A medida refletia a execução do Programa *Stock for Food* de 2007, que previa a transferência de *commodities* agrícolas dos estoques do governo para abastecer programas e bancos de alimentos no setor doméstico ou internacional (USDA, 2016).

A doação, que poderia ser entendida como cooperação para o desenvolvimento, logo levantou objeções. Uma carta aberta datada de 02 de maio e assinada por mais de 60 entidades - incluindo produtores haitianos, ONG haitianas, estadunidenses e de outras nacionalidades - foi encaminhada ao Secretário do USDA, Tom Vilsack, e a um Administrador do USAID, Gayle Smith, solicitando o cancelamento imediato do envio da ajuda. Os signatários afirmaram que as doações prejudicariam o mercado nacional de amendoim, no qual a produção haitiana tem importante demanda. Os autores enfaticamente argumentaram que “*While the gesture may be well-intentioned, this program stands to become the latest in a long history of U.S-sponsored programs that have destabilized Haiti’s agricultural sector, driving the nation further into poverty while increasing its dependence on foreign aid.*”<sup>3</sup> (ActionAid Haiti et al, 2016).

Os haitianos temiam a repetição de experiências anteriores, em que a ajuda virou transtorno. Na década de 1990, o mercado haitiano foi assolado com o *dumping* de excedente de arroz estadunidense, o que estrangulou a produção de pequenos produtores cuja alternativa foi migrar para a já populosa capital Porto Príncipe (Oxfam, 2016; Glassroots International, 2016; Foodtank 2016; NPR, 2016; FEE, 2017). A superprodução estadunidense de arroz resultava, em grande parte, dos tradicionais programas de subsídios agrícolas contidos na *Farm Bill*, a lei geral agrícola dos EUA.

Algo equivalente ocorreu com o amendoim. Desde 2002 o produto passou a receber

---

3 Tradução livre: Embora o gesto possa ser bem-intencionado, este programa se tornará o mais recente de uma longa história de programas patrocinados pelos EUA que desestabilizaram o setor agrícola do Haiti, levando a nação à pobreza e aumentando sua dependência da ajuda externa.

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

subsídios semelhantes e, com a atualização da *Farm Bill* em 2014, a superprodução de amendoim eclodiu (Lima, 2017; Glassroots International, 2016; Foodtank, 2016). A revista especializada *The Peanut Grower* assim avaliou a situação decorrente da nova política agrícola para o amendoim, em novembro de 2015:

*Commodity prices are the lowest in two decades; peanut contracts are at or below the cost of production, and that's if you can find one. Input costs were higher than last year, and the peanut program regulations have been almost impossible to fully understand. Just trying to survive, too many peanuts were planted (...)*<sup>4</sup> (Spearman, 2015).

No início de 2016, a colheita de 2014 ainda não havia sido vendida. Com o excesso de oferta, a perspectiva era que todos os armazéns certificados do país estivessem lotados, não havendo onde estocar a colheita projetada para aquele ano. As consequências em termos de preços (inclusive por conta da oferta internacional) e custos seriam drásticas. A *The Peanut Grower* assim sintetizou a situação, em 1 de março de 2016: “*Without a major weather disaster in the next 12 or 24 months, peanuts will continue to be priced below the cost of production. That's where the government peanut program comes in*”<sup>5</sup> (Spearman, 2016b). Foi nesse contexto que o envio de amendoim como ajuda alimentar para reforçar um programa de merenda escolar haitiano foi lançado.

A controvérsia em torno da doação de amendoim envolveu diversos atores que se dividiram em dois grupos (Foodtank, 2016; NPR, 2016; Institute For Justice & Democracy Haiti, 2016). O USDA, a USAID, o PMA e o governo do Haiti conformaram o primeiro grupo, que defendia que o envio do amendoim às escolas seria uma ferramenta de combate à fome infantil no país (NPR, 2016; Institute For Justice & Democracy Haiti, 2016). O USDA, especificamente, argumentou que a ajuda seria utilizada apenas como lanche matinal em

---

4 Tradução livre: Os preços das commodities são os mais baixos em duas décadas; os contratos de amendoim são iguais ou inferiores ao custo de produção, e isso se você puder encontrar um. Os custos de insumos foram maiores do que no ano passado, e os regulamentos do programa de amendoim têm sido quase impossíveis de entender completamente. Apenas tentando sobreviver, muitos amendoins foram plantados (...)

5 Tradução livre: Sem um grande desastre climático nos próximos 12 ou 24 meses, os amendoins continuarão a ter preços abaixo do custo de produção. É aí que entra o programa de amendoim do governo

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

escolas, visando combater a desnutrição que atingia cerca de 22% das crianças. Além disso, o alimento já fazia parte da dieta habitual dos haitianos (NPR, 2016; The Guardian, 2016). Quanto ao novo suprimento, um administrador do USDA, Phil Karsting, enviou carta a ONG Grassroots International, em 16 junho de 2016, afirmando que a ajuda havia sido planejada em parceria com o PMA justamente para evitar que ela afetasse negativamente a economia local. Literalmente:

*Prior to the donation, USDA worked closely with WFP to develop a distribution program that would not negatively affect Haiti's domestic peanut market. To prevent leakage into commercial marketplace, the peanuts are packaged in individual bags and are to be consumed at school only. There will be a strong monitoring and evaluation program with the WFP to ensure the peanuts go directly to the children who need them<sup>6</sup> (Karsting, 2016).*

De fato, é importante questionar se as 500 toneladas métricas que seriam doadas pelos EUA realmente causariam o mesmo impacto que o *dumping* de arroz dos anos 1990. O USDA argumenta, neste sentido, que a quantidade corresponde a apenas 1,4% da produção anual de amendoim do Haiti e, dessa forma, não afetaria substancialmente a economia agrícola do país (Foodtank, 2016). Porém, desde o ponto de vista dos opositores, a repulsa à ajuda também decorre de uma estratégia defensiva mais geral, com vistas a não abrir uma janela para o envio continuado do produto. Afinal, a merenda das escolas haitianas já conta com suprimentos de trigo, ervilha e óleo vegetal doados pelos EUA (Oswald, 2016). Para os grupos opositores, uma cooperação mais eficaz para o desenvolvimento deveria ser baseada no incentivo da produção local por meio da compra de alimentos na região, e não pela doação.

Não pudemos encontrar manifestação explícita do governo haitiano à respeito

---

6 Tradução livre: Antes da doação, o USDA trabalhou em estreita colaboração com o PMA para desenvolver um programa de distribuição que não afetaria negativamente o mercado doméstico de amendoim do Haiti. Para evitar vazamentos no mercado comercial, os amendoins são embalados em sacos individuais e devem ser consumidos apenas na escola. Haverá um forte programa de monitoramento e avaliação com o PMA para garantir que os amendoins sejam enviados diretamente para as crianças que precisam deles.

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

(possivelmente por nossa debilidade no idioma francês) mas, como os protocolos do PMA da ONU estipulam que os países que irão receber a ajuda alimentar devem oferecer seu consentimento prévio, entendemos que Porto Príncipe, no mínimo, não se opôs à ajuda. Além disso, o USDA afirmou que a ação seria em cooperação com o governo haitiano (NPR, 2016).

Em oposição a esse grupo estavam produtores haitianos de amendoim, diversas ONG nacionais e internacionais e veículos da mídia internacional, todos manifestando sua preocupação com os efeitos da política estadunidense sobre a sociedade e a economia haitianas. Somaram-se a eles - é importante destacar - atores públicos dos próprios EUA. O escritório “USAID Haiti”, que também opera programas de segurança alimentar com compra local e regional de alimentos, tuitou em 02 de maio que “@USAID\_Haiti is not involved in importing peanuts. We are supporting #haitian farmers to boost their production!”<sup>7</sup> (NPR, 2016). Paralelamente, 9 deputados e 2 senadores dos EUA enviaram carta datada de 6 de maio para o Secretário de Estado, John Kerry, urgindo a ele para que usasse a “wisdom and influence of the Department of State to encourage the Department of Agriculture to reconsider this plan”<sup>8</sup> (Warren et al, 2016). Vale expor literalmente a argumentação dos congressistas para demonstrar, como sustentamos anteriormente, que há resistência doméstica à política de ajuda alimentar nesses moldes, mas sem força para promover reformas substantivas:

*“We are all aware, and who could not be, that our country’s immense agricultura bounty nourishes persons around the world. Our food aid in the aftermath of conflict and famine has, no doubt, saved millions of lives. We recognize this but we recognize also that U.S. food exports should not undermine local efforts for food sufficiency or sustainable development. [...] the peanut industry in Haiti has made a good recovery after the earthquake of 2010, creating new jobs, community stability, and economic opportunities. Flooding the Haitian market with USDA peanuts would have, she*

---

7 Tradução livre: A @USAID\_Haiti não está envolvida na importação de amendoins. Estamos apoiando os agricultores #haitianos a aumentar sua produção!

8 Tradução livre: sabedoria e influência do Departamento de Estado para encorajar o Departamento de Agricultura a reconsiderar este plano

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

writes, *devastating effects on the newly thriving Haitian peanut industry*<sup>9</sup>” (Warren et al, 2016 - negrito no original).

De fato, o amendoim faz parte da dieta básica dos haitianos. O produto é responsável pela renda de cerca de 500 mil pessoas, além de ser uma *commodity* estratégica por ser resistente à seca (Foodtank, 2016). Segundo dados da Grassroots International (2016), os produtores haitianos, em torno de 150 mil, produzem cerca de 70 mil toneladas métricas por ano, o que é importante para a economia local. Destacando a importância dessa cultura para a economia, a Grassroots International apontou que um agricultor recebe de US\$ 4 a US\$ 6,50 a cada cinco quilos de amendoim, enquanto que a mesma quantidade de milho rende apenas US\$ 0,80. Dessa forma, a inserção externa de amendoim na economia do Haiti poderia reduzir o preço do produto, deteriorando a condição econômica de muitos pequenos produtores agrícolas, sobretudo de mulheres.

De acordo com o *The Guardian* (2016) e o *The Washington Post* (Bump, 2016), doações como essa poderiam inclusive prejudicar iniciativas mais profícuas que contam com o financiamento de Washington, como a fábrica sem fins lucrativos *Med & Food For Kids* (MFK). A MFK é resultado de parceria entre a Fundação Clinton e o governo estadunidense que, na época, empregava cerca de 300 fazendeiros e produzia manteiga de amendoim localmente, além de promover técnicas de cultivo aos pequenos produtores. A fábrica, segundo o jornal britânico, correria o risco de fechar as portas com o *dumping* de amendoim no mercado haitiano.

A controvérsia continuou sendo debatida calorosa e publicamente pelos meses

---

9 Tradução livre: Todos nós sabemos, e quem não poderia, que a imensa pujança agrícola do nosso país alimenta pessoas em todo o mundo. Nossa ajuda alimentar, sem dúvida, salvou milhões de vidas da fome e das consequências dos conflitos. Reconhecemos isso, mas reconhecemos também que as exportações de alimentos dos EUA não devem prejudicar os esforços locais de abastecimento alimentar ou desenvolvimento sustentável. [...] a indústria do amendoim no Haiti teve uma boa recuperação após o terremoto de 2010, criando novos empregos, estabilidade comunitária e oportunidades econômicas. Inundar o mercado haitiano com amendoim do USDA teria, ela escreve, efeitos devastadores na recém próspera indústria de amendoim do Haiti.

seguintes, mas desapareceu quando o furacão Matthew atingiu duramente o Haiti em outubro de 2016, causando terrível destruição no sul do país. Desde então, não encontramos mais informação sobre desdobramentos do caso no noticiário ou em posicionamentos de produtores haitianos, ONG, congressistas e burocratas estadunidenses. Quer dizer, não pudemos identificar se a ajuda alimentar em questão foi efetivamente distribuída ou não. É possível supor, entretanto, que a devastação causada pelo furacão - que incluiu a destruição de plantações - tenha tornado oportuna a então criticada doação imediata dos alimentos de amendoim.

Paralelamente ao furacão Matthew, outro evento de proporções gigantescas e inesperada ocorreu: A China decidiu ser um grande importador de amendoim e, com isso, estoques lotados deixaram de ser um problema nos EUA no segundo semestre de 2016. Voltaremos a esse evento na seção seguinte.

De todo modo, o caso é ilustrativo o suficiente para a reflexão sobre o possível papel prejudicial da ajuda alimentar internacional e a resistência que pode se erguer a ela. Resta agora abordar o porquê de os EUA terem proposto enviar o carregamento naquele contexto. Nosso argumento - que tem lastro no histórico do país - é que ela decorreu da superprodução doméstica que não encontrou mercados consumidores suficientes, no país e no exterior. Por isso, para compreender a tentativa de fornecer amendoim como ajuda alimentar ao Haiti, abordaremos a mudança da política de subsídios para esta cultura.

#### **4. Os subsídios ao amendoim: superprodução e a necessidade de ajuda**

Diferentemente de commodities tradicionalmente subsidiadas - como milho, trigo, algodão, soja e arroz -, a produção de amendoim não entrou nos programas de apoio à produção, sustentação de preços e incentivo à exportação do *new deal* agrícola dos EUA, nos anos 1930. Os produtores da leguminosa - assim como os de açúcar e tabaco - eram protegidos por medidas que visavam restringir a produção e a oferta em território nacional,

de modo a manter preços elevados (Gardner, 2006).

Contudo, compromissos de ampliação do acesso ao mercado nacional, assumidos na conclusão da Rodada Uruguai do GATT, em 1994, e em diversos acordos preferenciais de comércio assinados desde então, criaram fissuras que iriam, conforme a implementação dos acordos, romper o dique que protegia os produtores estadunidenses da competição internacional. Quando isso acontecesse, os preços no mercado nacional cairiam. Aumentou também, neste ensejo, a pressão da indústria alimentícia dos EUA pela liberalização das importações como uma forma de aumentar a oferta nacional do insumo (amendoim) e baratear custos. Assim, para compensar os produtores estadunidenses pelas inevitáveis perdas que teriam com a liberalização comercial, o Congresso incluiu o amendoim no rol de commodities tradicionalmente subsidiadas na *Farm Bill* 2002. Em outras palavras, em troca da abertura de mercado e da eliminação das restrições domésticas à produção, os produtores de amendoim foram admitidos em um programa de subsídios que incentiva o aumento da produção e os protege contra preços por meio de pagamentos e empréstimos governamentais (Dohlman, Foreman e Pra, 2009; Lima, 2017).

De fato, de lá para cá o resultado foi um grande salto na produção de amendoim, tanto pela ampliação da área plantada quanto por causa de aprimoramentos técnicos. Com a nova política, o estímulo principal é ganhar escala para aumentar a renda em um contexto de preços baixos e margens de lucro (quando existentes) apertadas. Como isso é feito pelos fazendeiros em geral, há saturação do mercado nacional e queda nos preços nos EUA, mas também no mercado internacional, pois o país é um dos 3 maiores produtores mundiais. Com os preços em baixa, por um lado, e os empréstimos e investimentos feitos para aumentar a produção e a produtividade, por outro, o produtor acaba dependendo da ajuda governamental para continuar solvente.

Um dos subsídios que impulsiona a doação de alimentos dos EUA é o *Marketing Assistance Loan*. Por meio desse programa, o produtor contrai um empréstimo junto a uma

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

instituição governamental no início da temporada e, na época da quitação, pode optar por pagar sua dívida com dinheiro ou com sua produção. Quer dizer, se os preços estiverem altos o suficiente para pagar o empréstimo e os juros, e ainda sobrar dinheiro para o produtor, este venderá sua produção no mercado. Porém, se o preço estiver baixo a ponto de não ser suficiente para pagar a dívida, ele pode quitar seu débito entregando sua produção de amendoim à instituição credora. Um problema que emerge para o governo é que, além de não ser pago em dinheiro, ele assume o custo de estocar, manusear e comercializar ou doar a produção. Em outras palavras, o governo tem um incentivo para se livrar dos estoques. Se a situação se repete temporada após temporada os problemas se agravam, pois podem esgotar a capacidade logística de armazenamento do governo.

Vejamos, pois, o que aconteceu com a oferta de amendoim após a instauração dos programas de subsídios. Em 2013 a *Southwest Farm Press* assim se referiu à colheita de 2012:

“Tivemos um fantástico ano de produção (...) Todas as estrelas se alinharam e produzimos a melhor colheita de amendoins que o mundo já viu nos EUA. Enquanto normalmente produzimos cerca de 1,8 milhões de toneladas, produzimos 3,37 milhões de toneladas, cerca de 85% mais. **O maior problema é como nos livrarmos desses amendoins**” (Staculp, 2013 – grifo nosso)

Seguindo a tradição da “maldição da abundância” (Cochrane, 2003), causada em grande medida pela política de subsídios, a situação se agravou nos anos seguintes. Neste cenário, os estoques nacionais aumentaram vertiginosamente com os anos seguidos de superprodução e demanda insuficiente. Os EUA, que antes tinham uma política de contenção de importações, passaram a depender desesperadamente de exportações. De fato, a salvação dos produtores - e do governo - veio pelo aumento das compras da Índia, do Vietnã, mas principalmente da China. Conforme registrou Spearman em novembro de 2016, “*In less than six months, the U.S. over-supply of peanuts was eliminated by China’s*

*purchases (...) no bankruptcies happened this year*<sup>10</sup>” (Spearman, 2016). Quebras de safra na África do Sul e na Argentina também contribuíram para o aumento das exportações dos EUA. Contudo, o principal elemento foi a decisão de Pequim de se tornar um grande importador de amendoins.

Esse contexto favorável às exportações expõe uma vulnerabilidade da política de ajuda alimentar dos EUA que, no momento, só temos condições de explorar hipoteticamente. Diante da forte demanda do mercado internacional pelo amendoim estadunidense, capaz de limpar estoques, estará Washington disposto a manter uma doação sustentada de tais alimentos? A hipótese mais provável, a partir da experiência histórica, é que não, pois conforme aumentam os preços e a demanda por um alimento, os países (incluindo os EUA) tendem a diminuir suas doações internacionais daquele tipo de comida. Isto, obviamente, é um transtorno para os planejadores de ajuda alimentar humanitária ou para o desenvolvimento. Porém, mais tempo será preciso para avaliar essa hipótese.

## **5. Considerações finais**

Nem toda a doação de alimentos é uma cooperação prejudicial ao desenvolvimento e, para ações humanitárias, não há nada melhor do que isso em muitos casos. Não se deve concluir a leitura deste artigo com a demonização da ajuda alimentar humanitária ou para o desenvolvimento. De fato, sem as milhões de toneladas de comida movimentadas mundo afora na forma de doações, muitas pessoas morreriam de fome ou teriam problemas causados por nutrição inadequada. Contudo, se mal conduzida, a doação de alimentos pode se transformar em transtorno para o país que a recebe. Essa má condução pode ser motivada por ignorância dos bons samaritanos, ou por interesses que não são fundamentados primordialmente por preocupações humanitárias ou de desenvolvimento.

---

10 Tradução: Em menos de seis meses, o suprimento excessivo de amendoim dos EUA foi eliminado pelas compras da China (...) nenhuma falência aconteceu este ano.

Apresentamos, com o caso em tela, duas posições antagônicas referentes à doação de ajuda alimentar. De um lado, defendeu-se que a ajuda havia sido planejada justamente para evitar transtornos econômicos e sociais. De outro, criticou-se veemente esse modelo pelos efeitos depreciativos sobre a economia. Nossa análise indica que a segunda posição encontra respaldo na experiência histórica de uma parte importante da política de ajuda alimentar internacional dos EUA e nos impulsos que sua política de subsídios agrícolas gera.

Nossa pesquisa deixa questões em aberto. Sabe-se que o PMA tem se esforçado para aprimorar seu planejamento e operações justamente para evitar efeitos deletérios. Porém, essa organização internacional tem estado sob pesada influência política dos EUA, que é seu maior mantenedor, ao longo do tempo. A literatura sugere que essa influência pode ter diminuído nas últimas décadas com a profissionalização dos temas humanitários e a criação de um corpo de burocratas internacionais. Contudo, um exame detalhado do processo de formulação desta política para o Haiti poderá elucidar como se deram as relações entre Washington e o Programa. Poderá contribuir também para a compreensão das motivações da proposta de doação. Ademais, está claro que atores domésticos estadunidenses têm se preocupado com os possíveis efeitos nocivos da doação de alimentos. Um exame do processo decisório estadunidense sobre essa questão talvez possa iluminar as relações de força entre burocracias, interesses econômicos e políticos.

De outro ângulo, a alternativa colocada pelos atores que são contra a ajuda vinculada é o desenvolvimento de programas que respeitem a autodeterminação e a independência econômica do Haiti, por meio da desvinculação da ajuda alimentar dos EUA de seus estoques nacionais. De fato, essa modalidade é já um dos pilares atuais do PMA. Quanto aos EUA, ela já consta no seu leque de estatutário de programas de cooperação agroalimentar internacional, e já vem sendo praticada pela USAID, inclusive no Haiti. Seu tamanho, contudo, ainda é considerado limitado pelos críticos e especialistas.

Por fim, apontamos que dinâmicas econômico-políticas desencadeadas pela política

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

de subsídios agrícolas, entre outras, sustentam uma resistência por parte do congresso estadunidense a uma reforma mais estrutural da ajuda alimentar, como a que a União Europeia realizou, por exemplo. Cabe lembrar que o republicano George W. Bush e o democrata Barack Obama tentaram realizar essa reforma, ambos sem sucesso. Salienta-se, assim, que a contradição e a crítica também existem nas próprias forças políticas estadunidenses e que isso reverbera em políticas públicas incoerentes. A própria cooperação agroalimentar entre EUA e Haiti, por exemplo, vai além da doação de alimentos e conta com programas de apoio à produção local. Contudo, a superprodução de commodities, como a do amendoim, decorrente em grande medida dos subsídios da *Farm Bill*, criam a necessidade de exportação via comércio e/ou doação. Neste último caso, a cooperação internacional pode ser interpretada não como auxílio humanitário ou promoção do desenvolvimento, e sim como *dumping* de excedentes.

## **Referências**

ACTIONAID U.S. (2016). Plans to Dump U.S. Grown Peanuts Into Haiti Represent Yet Another Failed Policy. Disponível em: <https://www.actionaidusa.org/blog/plans-dump-u-s-grown-peanuts-haiti-represent-yet-another-failed-policy/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Barrett, Christopher B.; Maxwell, Daniel G (2005). *Food aid after fifty years*. Recasting its role. Nova Iorque: Routledge.

Burbach, Roger e Flynn, Patrícia. *Agribusiness nas Américas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

Clapp, Jenifer (2014). Turning the Tied? 2014 Farm Bill and The Future of U.S. Food Aid. Disponível em: <http://triplecrisis.com/turning-the-tied-2014-farm-bill-and-the-future-of-u-s-food-aid/>. Acesso em: 22 fev. 2018.

Clapp, Jennifer. (2012). *Hunger in The Balance: The new politics of international food aid*. New York: Cornell University Press.

Clay, Edward; Riley (2005). The Development Effectiveness of Food Aid: Does Tying Matter? Organization for Economic Cooperation and Development (OECD). Disponível em:

**Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v.3, n.1, Junho/2018, pp. 150-171**

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

<https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/odi-assets/publications-opinion-files/3043.pdf> .  
Acesso em: 08 jun. 2014.

Clay, Edward; Stokke, Olav (2000). *The Changing Role of Food Aid and Finance for Food*. In: Stokke, Olav (Org.) *Food Aid and Human Security*. Clay, Edward; . Londres, Frank Cass.

Cochrane, Willard W. (2003). *The curse of American abundance*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press.

COMMITTEE ON FOREIGN AFFAIRS (2013). *Modernizing U.S. international food aid: reaching more for less*. Hearing. Serial number 113-61. 12 de junho de 2013. U.S. Government Printing Office: Washington, D.C.

Dohlman, Erik; Foreman, Linda;Pra, Michelle Da (2009). The Post-Buyout Experience: Peanut and Tobacco Sectors Adapt to Policy Reform. EIB-60. *U.S. Dept. of Agriculture, Econ. Res. Serv.* Novembro.

FOODTANK (2016). U.S. to Send Peanuts to Haiti Despite Controversy From Aid Groups. Disponível em: <https://foodtank.com/news/2016/06/u-s-to-send-peanuts-to-haiti-despite-controversy-from-aid-groups/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

FOUNDATION FOR ECONOMIC EDUCATION (2017). How US Crop Dumping Keeps Haiti Poor and Dependent. Disponível em: <https://fee.org/articles/how-us-crop-dumping-keeps-haiti-poor-and-dependent/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Friedmann, Harriet (1982). The Political Economy of Food: The Rise and Fall of the Postwar International Food Order. *American Journal of Sociology*, Vol. 88. pp. 248-286.

Gardner, Bruce L. (2006) *American agriculture in the twentieth century : how it flourished and what it cost*. Cambridge: Harvard University Press.

GRASSROOTS INTERNATIONAL (2016). Peanuts and Protest in Haiti Minimize US Surplus Dumping Scheme. Disponível em: <https://grassrootsonline.org/blog/peanuts-and-protest-in-haiti-minimize-us-surplus-dumping-scheme/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

INSTITUTE FOR JUSTICE & DEMOCRACY HAITI (2016). An Open Letter to the USDA and USAID on planned peanut shipment to Haiti. Disponível em: <http://www.ijdh.org/2016/05/topics/economy/an-open-letter-to-the-usda-and-usaid-on-planned-peanut-shipment-to-haiti/>. Acesso em: 22 fev. 2018.

Karsting, Phil (2016). *Letter from the USDA to the Grassroots International*. 16 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.ijdh.org/wp-content/uploads/2016/07/Letter-from-the-USDA-6.17.2016.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

**Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v.3, n.1, Junho/2018, pp. 150-171**

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

Lancaster, Carol. (2007). *Foreign aid: diplomacy, development, domestic politics*. Chicago: Chicago University Press.

Lima, Thiago (2017). *O protecionismo agrícola nos Estados Unidos: resiliência e economia política dos complexos agroindustriais*. São Paulo: Editoria Unesp. No prelo.

Lima, Thiago; Dias, Atos (2016). A ajuda alimentar internacional dos EUA: política externa, interesses econômicos e assistência humanitária. *Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais-RPPI*, n. 1, v. 1, 189-211.

Lima, Thiago; Lourenço, Erbenia; Lucena, Thalita X. (2016). Organismos geneticamente modificados na ajuda alimentar dos EUA: auxílio humanitário e difusão mercadológica?. In: 3º Seminário de Graduação e Pós-Graduação da ABRI, 2016, Florianópolis. *Anais do 3º Seminário de Graduação e Pós-Graduação da ABRI*. Florianópolis: ABRI, 2016. p. 1-16.

McMichael, Philip (2017). *Regimes alimentares e questões agrárias*. São Paulo: Unesp.

NPR Radio Stream (2016). U.S. To Ship Peanuts To Feed Haitian Kids; Aid Groups Say 'This Is Wrong' Disponível em: <https://www.npr.org/sections/thesalt/2016/05/05/476876371/u-s-to-ship-peanuts-to-feed-haitian-kids-aid-groups-say-this-is-wrong>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Oswald, Ted (2016). Haitian Farmers to the U.S. Government: “No to free peanuts!”. *The Huffpost*. 23 de julho de 2016. Disponível em: [https://www.huffingtonpost.com/entry/haitian-farmers-to-the-us-government-no-to-free\\_us\\_579262dee4b0a1917a6e91a5](https://www.huffingtonpost.com/entry/haitian-farmers-to-the-us-government-no-to-free_us_579262dee4b0a1917a6e91a5). Acesso em: 27 fev. 2018.

OXFAM (2016). Dumping peanuts on Haiti Disponível em: <https://politicsofpoverty.oxfamamerica.org/2016/04/dumping-peanuts-on-haiti/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

PARTNERS IN HEALTH (2016). No to ‘Dumping’ Peanuts in Haiti Disponível em: <https://www.pih.org/article/no-to-dumping-peanuts-in-haiti>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Portillo, Luis. (1987). *Alimentos para la Paz? La “Ayuda” de Estados Unidos*. Iepala Editorial.

Ruttan, Vernon W (1993). *The Politics of U.S. Food Aid Policy: A Historical Review*. Em: Ruttan, Vernon W. (Org.) *Why Food Aid?* Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Spearman, Tyron (2015). Quality And Quantity Affected By Poor Harvest Conditions. *The Peanut Grower*. Disponível em: <http://www.peanutgrower.com/market-watch/quality-and-quantity-affected-by-poor-harvest-conditions/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

**Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v.3, n.1, Junho/2018, pp. 150-171**

**LIMA, Thiago; LOURENÇO, Erbenia. Controvérsias da ajuda alimentar para o desenvolvimento: o protesto haitiano contra o apoio dos EUA ao programa de merenda escolar do Haiti.**

Spearman, Tyron (2016a). Who Would Have Guessed This?. *The Peanut Grower*. Disponível em: <http://www.peanutgrower.com/market-watch/do-we-have-a-bigger-better-safer-industry-than-ever-before-2/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

Spearman, Tyron (2016b). Survival means bringing supply more in line with demand. *The Peanut Grower*. Disponível em <http://www.peanutgrower.com/market-watch/survival-means-bringing-supply-more-in-line-with-demand/>. Acesso em: 16 jun. 2018.

Staculp, Larry (2013). Peanut growers face a major price pressure. *Southwest Farm Press*. Disponível em <http://southwestfarmpress.com/peanuts/peanut-growers-face-major-price-pressure>. Acesso em: 06 jan. 2014.

THE GLOBALIST (2016). Dumping Peanuts in Haiti Disponível em: <https://www.theglobalist.com/dumping-peanuts-in-haiti/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

THE GUARDIAN (2014). The west's peanut butter bias chokes Haiti's attempts to feed itself. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2014/jul/10/haiti-peanut-butter-food-aid-malnutrition>. Acesso em: 19 fev. 2018.

THE WASHINGTON POST. How the U.S.'s peanut glut could undermine the work of the Clintons. 4 de abril de 2016. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/04/04/how-the-u-s-s-peanut-glut-could-undermine-the-work-of-the-clintons/?sa=D&usg=AFQjCNHBEWZo0Bc2JFzGBG1RizMzTdWlQ&ust=1519766487262000&utm\\_term=.5ec13115e3e8&utm\\_term%3D.91cdf75f1888](https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/04/04/how-the-u-s-s-peanut-glut-could-undermine-the-work-of-the-clintons/?sa=D&usg=AFQjCNHBEWZo0Bc2JFzGBG1RizMzTdWlQ&ust=1519766487262000&utm_term=.5ec13115e3e8&utm_term%3D.91cdf75f1888)>. Acesso em: 27 fev. 2018.

USAID (2016). Feed the Future Haiti: Zone of Influence Interim Assessment Report. Disponível em: <https://feedthefuture.gov/resource/feed-future-haiti-zone-influence-interim-assessment-report>. Acesso em: 19 fev. 2018.

USDA (2016). USDA Provides Nutritious U.S. Peanuts in Humanitarian Effort for Haiti Disponível em: <https://www.usda.gov/media/blog/2016/03/31/usda-provides-nutritious-us-peanuts-humanitarian-effort-haiti>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Warren, Elizabeth et al (2016). *Letter to Hon. John F. Kerry, Secretary of State*. 06 de maio de 2016. Disponível em: <https://haitiadvocacy.org/massachusetts-congressional-delegation-says-prevent-peanut-dump/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

Ziegler, Jean (2013). *Destruição em massa: geopolítica da fome*. São Paulo: Cortez.